

## **A Constituição da Identidade Empreendedora no Campo do Desenvolvimento Econômico: o Porto Digital como Sujeito Coletivo**

**Maira Iraê de Souza Corrêa**

[mariairae@hotmail.com](mailto:mariairae@hotmail.com)

Universidade Federal de Pernambuco

**Fernando Gomes de Paiva Junior**

[fernando.paivajr@ufpe.br](mailto:fernando.paivajr@ufpe.br)

Universidade Federal de Pernambuco

**Angela Cristina Rocha de Souza**

[acsouza@gmail.com](mailto:acsouza@gmail.com)

Universidade Federal de Pernambuco

### **Resumo**

O estudo visa compreender a emergência de uma identidade empreendedora em um campo discursivo de disputa por recursos entre grupos de interesse, que defendem diferentes projetos de desenvolvimento econômico, com base na teoria do discurso. Para isso, analisamos o Porto Digital, um sujeito coletivo composto por atores ligados aos setores público e privado, do setor de tecnologia de informação e comunicação de Pernambuco. As articulações que deram origem a este sujeito, foram marcadas por tensões decorrentes das disputas entre sujeitos heterogêneos que compõem essa identidade empreendedora. O estudo revela a necessidade do reconhecimento da diferença e da capacidade de construir posições cada vez mais negociadas de modo a fortalecer e ampliar as equivalências. Diante das contingências, o excesso de particularidades e antagonismos não contemplados pode precipitar situações de autofagia, tornando essa instabilidade do sujeito um obstáculo para sua agência.

### **1. Introdução**

A revolução da tecnologia da informação e comunicação e a reestruturação do capitalismo industrial deram origem à sociedade em rede que se caracteriza pela globalização das atividades econômicas; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e individualização da mão de obra; por uma virtualidade real baseada num sistema de mídia diversificado e pela transformação do tempo e do espaço (CASTELLS, 1997). Expressões como pós-industrialismo e pós-fordismo têm sido utilizadas na tentativa de nomear a condição resultante dessas transformações sociais e econômicas. Analisando as tendências sugeridas por esses termos, Hall (1996) destaca cada uma delas como dimensões diferenciadas no contexto das mudanças estruturais, constitutivas do mundo contemporâneo, que ele prefere denominar de novos tempos.

O termo pós-fordismo (cf. SENNETT, 2002, 2006) sugere uma era distinta da produção em massa, com suas padronizações, concentração do capital e organização do trabalho de inspiração taylorista. Algumas de suas características associadas a mudanças no modo de produção, envolvem o surgimento das novas tecnologias da informação, baseadas na tecnologia química e eletrônica, que se dirigem para uma segunda revolução industrial. Nesse sentido, mudanças em direção à especialização flexível e formas descentralizadas dos

processos e da organização do trabalho tiveram como consequência o declínio das antigas estruturas de organização fabril e o crescimento da indústria de alta tecnologia, especialmente, atividades produtivas voltadas para tecnologia da informação e da comunicação.

Fenômenos como a “casualização”, que corresponde ao incremento no uso dos contratos temporários, a “dessedimentação institucional”, ou terceirização das atividades não centrais da organização, e o “seqüenciamento não linear da produção”, segundo Sennett (2006), são alguns dos elementos da nova arquitetura institucional das empresas que modificam as relações entre o capital e o trabalho. Essa flexibilização tem sido empregada para descrever o fim do emprego como conhecemos, anunciando novas formas de relação de trabalho que demandam um novo perfil de trabalhador-empresário (BAUMAN, 1999).

Essas mudanças ocorrem ao mesmo tempo em que observamos um aumento da frequência do uso do termo empreendedorismo associado a um contexto de diminuição dos postos de trabalho tradicionais, de aumento do auto-emprego e da criação de pequenas empresas. Diante da nova realidade por que passa o mercado de trabalho: “fim do emprego”, *downsizing* e reengenharia, o empreendedorismo surge como uma alternativa de empregabilidade e geração de negócios. Historicamente associado ao desenvolvimento econômico, o fenômeno empreendedor tem sido apontado como aquele capaz de gerar novas conexões e redes, novos conceitos de negócio e novos produtos, em um contexto de inovação, transformação, crescimento e desenvolvimento econômico (PAIVA E CORDEIRO, 2002; VASCONCELOS ET AL, 2005).

Tendo em vista que o deslocamento das estruturas centrais da sociedade moderna tem abalado os quadros de referência do sujeito produzindo novos posicionamentos e identidades, temos o objetivo de compreender a emergência de uma identidade empreendedora no campo do desenvolvimento econômico no contexto de uma formação social marcada por características pós-fordistas. Para isso identificamos no Porto Digital - um arranjo produtivo local (APL) do setor de tecnologia da informação e comunicação TIC - a constituição de uma identidade empreendedora de um sujeito coletivo produzida a partir das rupturas que ocorreram nesse setor, impulsionadas pelas contingências que foram introduzidas pela reestruturação da economia mundial nas últimas décadas do século XX.

## **2. Por que falar em identidade no debate empreendedor?**

Um das questões centrais que as ciências sociais enfrentam no mundo contemporâneo reside em entender a maneira como se constituem as identidades sociais. Laclau (2006) aponta que as formações sociais anteriores apresentavam instituições relativamente estáveis e a unidade dos grupos era considerada como algo essencialmente “natural”. No mundo contemporâneo, as identidades perderam suas referências estabilizadoras e passaram a se constituir a partir de um posicionamento em um campo discursivo. Este posicionamento se instaura por meio de construções ou gêneros de discursos, que indicam como um sujeito se situa num espaço conflituoso, entretanto, essa identidade, não é fechada e nem estática, uma vez que ela se conserva por meio do interdiscurso, por um trabalho incessante de reconfiguração.

As identidades estão sendo remodeladas a partir das tensões globais. Canclini (1999) aponta que um dos maiores desafios para se repensar as identidades é entender o modo como estão sendo produzidas as relações de continuidade, ruptura e hibridização entre sistemas locais e globais, tradicionais e modernos, do desenvolvimento cultural. Com todas essas transformações que têm ocorrido nas referências identitárias, o poder explicativo do conceito de identidade tem sido problematizado. Polemizando, Hall (1999) reitera a importância deste conceito para o entendimento da agência, definida em Giddens (2003) como a capacidade do

sujeito de intervir no mundo, e das novas formas de ação política na sociedade contemporânea. De modo semelhante, Burity (2007) aborda a questão das transformações na identidade, relacionando-as com a agência dos sujeitos nesses novos tempos.

Nestas novas redes de atores plurais e em transição identitária se ensaia uma ambiciosa, porém pragmática articulação entre ampliação da cidadania, reforço da malha associativa, reconstrução dos laços de solidariedade e reciprocidade entre indivíduos e grupos e reinvenção da cultura democrática para combinar pluralismo e diferença com ética e ênfase na inclusão econômica, social, cultural (p.3).

As relações entre identidade e agência também estão presentes em Castells (1999) na medida em que ele aponta que as identidades são constituídas em um contexto de disputas no interior de campos marcados por relações de poder. O autor fala em três formas de identidade: a legitimadora, introduzida pelas instituições dominantes para expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores; a identidade de resistência, criada por atores contrários a lógica da dominação atual, introduzindo resistências com princípios diferentes ou opostos as instituições da sociedade. A terceira, a identidade de projeto ocorre quando os atores, usando a comunicação, constroem uma nova identidade para redefinir sua situação na sociedade.

Laclau e Mouffe (1987) argumentam que as identidades emergem a partir de um posicionamento que rearticula significados, uma vez que os significados sempre estão ou estiveram articulados de algum modo. Esta rearticulação para que uma nova relação entre elementos seja estabelecida, faz com que as identidades resultem de práticas articulatórias. A compreensão dos dispositivos que cercam a constituição das identidades no campo do empreendedorismo torna-se, então, um caminho necessário para o entendimento da natureza da agência empreendedora, de modo que, neste processo, o empreendedor encontre as referências necessárias para ressignificar os recursos econômicos e simbólicos e reinscrevê-los nas novas condições de produção e de consumo, participando dos benefícios da nova ordem econômica mundial.

## **2.1 A teoria do discurso e a constituição das identidades**

As teorias do discurso investigam a forma como as práticas sociais articulam e disputam a significação dos eventos que constituem o mundo social. A dimensão do discurso não se encontra em um nível superestrutural ou das idéias, nem pode ser entendido como sinônimo de retórica, como poderia sugerir seu uso no senso comum. O discursivo, segundo Howard e Stavrakakis (2000), pode ser definido como um horizonte teórico dentro do qual todos os objetos são constituídos e seu significado depende de um sistema socialmente construído de regras e diferenças significantes. Em qualquer sociedade haverá sempre uma disputa entre discursos que significam os objetos, ou eventos sociais, que por sua vez sempre se apresentarão significados de alguma maneira.

Os teóricos do discurso defendem que os agentes e sistemas são construções sociais que passam por constantes mudanças históricas, como resultado de práticas políticas (LACLAU & MOUFFE, 1987). Ao mesmo tempo em que a teoria do discurso acentua a contingência de toda identidade social, reconhece, que as fixações parciais de significado são possíveis e necessárias. Uma tarefa principal do teórico do discurso é desenhar e explicar a mudança histórica e social tendo como recurso fatores políticos e lógicos. A ênfase é colocada em explicar o aparecimento e a lógica dos discursos e as identidades socialmente construídas que eles conferem aos sujeitos.

Para compreender como as identidades são construídas no contexto de dispersão de posições de sujeito e sua multiplicidade de interesses, Laclau (2006) propõe o caminho do

reconhecimento das demandas comuns. Assim, a unidade dos sujeitos não é dada por uma posição, mas por uma pluralidade de posições que começam a estabelecer entre si certo grau de solidariedade, a partir do reconhecimento das demandas que compartilham, e que possui uma dimensão estratégica no modo como atua para constituir um sujeito. Um dos elementos centrais que ocorre nesse processo é a formação de um eixo de equivalência estabelecido pela solidariedade de interesses. Os outros elementos são a hegemonia, que é o processo pelo qual um dos elementos passa a representar todos os outros, e o significante flutuante, que é o distanciamento do significante hegemônico de um significado preciso para que, nesta condição, possa representar os outros significantes. Este estudo teve como foco o primeiro elemento, a formação de um eixo de equivalência.

O estabelecimento de uma relação de equivalência se torna possível a partir do momento em que os interesses e as demandas possuem duas dimensões: uma específica e a outra relacionada aos interesses mais amplos dos sujeitos em seus enfrentamentos. Destacando seu caráter provisório, Laclau e Mouffe (1987, p.109) afirmam que “a equivalência não é uma relação de identidade entre os objetos, ela só é válida para determinadas posições e no interior de um contexto estrutural dado”. Para que haja a incorporação de interesses na cadeia equivalencial, é necessário deixar de fora demandas que entrem em choque com as particularidades de cada sujeito. Deste modo, a cadeia equivalencial vai sendo limitada a partir de conflitos entre demandas.

Finalmente, o conflito exerce papel central na construção de identidade em discursos hegemônicos. A relação antagônica não surge de uma identidade constituída, mas da impossibilidade da sua constituição. Este bloqueio de identidade é uma experiência mútua para ambos: a força antagônica e a força que está sendo antagonizada. As identidades, construídas pelas articulações, são inerentemente entidades políticas que envolvem a construção de antagonismos e o exercício de poder. Além disso, são vulneráveis àquelas forças que foram excluídas no processo de articulação. (HOWARTH ; STAVRAKAKIS, 2000).

### **3. Os discursos no campo do empreendedorismo**

Um dos temas emergentes nos estudos organizacionais na última década é o empreendedorismo. Paiva e Cordeiro (2002) observam que existe uma idéia geral de que empreendedores desempenham a função social de identificar oportunidades e convertê-las em valores econômicos. Essa linha de pensamento concebe o empreendedorismo como um processo que ocorre em diferentes cenários e que causa mudanças no sistema econômico por intermédio da introdução de inovações que criam valor para os indivíduos empreendedores e para a sociedade.

O empreendedorismo também tem sido apontado como fenômeno que traz em si potencialidades para o desenvolvimento local em um momento em que regiões enfrentam os desafios relacionados ao avanço de uma globalização excludente. As possibilidades no campo do empreendedorismo estão relacionadas à inserção afirmativa dessas regiões de modo a promover desenvolvimento alicerçado não apenas na lucratividade imediata de alguns setores, mas principalmente na construção de um padrão social que promova a distribuição mais equitativa das riquezas geradas pelo crescimento econômico. Mas de qual empreendedorismo estamos falando?

Considerando a história do pensamento na área do empreendedorismo, Fillion (1999) destaca três principais visões como fundamentais à compreensão do tema, quais sejam: a visão dos economistas, a dos *behavioristas* e a dos precursores da teoria dos traços de personalidade. Um exame da literatura disponível sobre o fenômeno empreendedor nos mostra uma apropriação do termo quase sempre associada aos receituários para o sucesso

financeiro de empresários ou o avanço na carreira de executivos. Trata-se de um empreendedorismo que diz respeito a super-heróis solitários, dotados de um perfil especial, razão de seu sucesso. Mesmo dentro da academia, o conhecimento sobre empreendedorismo têm sido frequentemente pautado pela investigação de características individuais intrínsecas associadas aos empreendimentos vitoriosos.

No Brasil, torna-se um agravante o fato de que as características identificadas como próprias de sujeitos empreendedores estão fortemente associadas à formação cultural dos países centrais, onde o conceito foi desenvolvido, favorecendo uma visão do “empreendedor ideal” segundo um modelo cultural etnocêntrico de empreendedorismo, que acaba por mediar a constituição das identidades empreendedoras.

Ogbor (2000) aponta o predomínio do mito do empreendedor tipificado como uma espécie de super-homem, de pele branca, americano ou europeu. Estas características sugerem uma orientação ao individualismo, à competitividade, à racionalidade, à dominação, bem como às peculiaridades de sua personalidade e comportamento. Outra característica bastante abordada nas pesquisas consiste na perspectiva do herói desbravador da natureza, que conquista o sucesso através da autoconfiança e do trabalho duro.

Esta visão tem sido objeto de críticas que enfatizam a necessidade de interação entre os agentes produtivos, dada à natureza coletiva do fenômeno empreendedor enquanto processo social. Vasconcellos *et al* (2005, p.2) consideram que:

o empreendedor é, antes de tudo, um articulador, um forjador de redes, com capacidade de unir e conectar, de maneira muitas vezes inovadora, diferentes atores e recursos dispersos no mercado e na sociedade, agregando valor à atividade produtiva e disto se apropriando, para usufruto privado.

Este novo formato estrutural, as redes empresariais inseridas no sistema de *clusters*, tem se apresentado como cenário favorável ao reconhecimento e à exploração de oportunidades de negócios pelas pequenas e médias empresas. Contudo, a relação de rede, talvez por mobilizar interesses de empresas com características bastante distintas, aparece também como um mecanismo de integração organizacional vulnerável às ações oportunistas, na qual um ou mais dos participantes utilizam a rede como forma unilateral de maximização de vantagens, o que denota um caráter predatório para os objetivos estratégicos das alianças (PAIVA ET AL., 2001).

#### **4. Procedimentos metodológicos**

O caminho que adotaremos para o entendimento do fenômeno em estudo é o da teoria do discurso. Esta abordagem desenvolvida por autores pós-estruturalistas (i.e., Stuart Hall, Ernesto Laclau, etc.) introduz a idéia de que não é possível experienciar um mundo para além dos discursos. Os objetos, personalidades, atitudes e preconceitos são constituídos pelo discurso e principalmente, são construídas as posições assumidas pelos indivíduos em suas práticas discursivas. O espaço social - organizações, instituições, categorias sociais, conceitos, identidades e relacionamentos - é entendido como sendo discursivo por natureza.

A escolha do objeto de estudo se iniciou com nossas indagações a partir da leitura do texto Tecnologia, cultura e requalificação do sítio histórico do Recife, de Valério Veloso, diretor-presidente do Núcleo de Gestão do Porto Digital (NGPD), baseado na palestra proferida no seminário “Renovar Idéias: desenvolvimento, qualidade de vida e democracia no Brasil Moderno” organizado pelo Instituto Teotônio Vilela, no qual intelectuais, acadêmicos, especialistas de diversas áreas, pesquisadores, consultores, empreendedores e ativistas de

movimentos sociais fizeram suas exposições para convidados pertencentes às diversas correntes do pensamento político e aos diferentes Estados brasileiros.

O Porto Digital se apresenta, no documento (e no evento), como porta-voz de uma nova elite econômica emergente em Pernambuco capaz de impulsionar o desenvolvimento local, diferentemente da liderança sócio-econômica tradicional do Estado, a sucroalcooleira. Para compreender o modo como este posicionamento foi construído, definindo uma identidade para o Porto, buscamos nas falas públicas referentes ao projeto, nos documentos oficiais e no *site* institucional, elementos que evidenciassem as disputas configuradas no campo discursivo.

A partir deste levantamento inicial, identificamos o setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) de Pernambuco e o Porto Digital como um caso ilustrativo, que nos permitiria desenvolver nossa análise, por ser ele um sujeito empreendedor coletivo, posicionado no campo de disputas por projetos de desenvolvimento econômico. Para a realização do estudo foram coletados dados para a construção de um *corpus*. Uma das principais justificativas da aplicação dos princípios de construção de *corpus* em pesquisas é a busca da manutenção do foco do tema em questão, por meio da coerência nas decisões epistemológicas, metodológicas e ontológicas das mesmas. Sinclair (1991) propõe que *corpus* se apresente na forma de uma coletânea de textos naturais escolhidos para caracterizar um estado ou variedade de discursos. São textos “autênticos”, aqueles que existem na linguagem e que não foram criados com o propósito de figurarem no *corpus*. Barthes (1967) aponta que *corpus* é uma coleção finita de materiais (textos, imagens, músicas ou outros materiais) determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar.

O *corpus* analítico foi composto por: a) Documentos oficiais e materiais de comunicação divulgados pelo Porto Digital e pelas instituições envolvidas com o Arranjo Produtivo Local (APL) de Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) de Pernambuco; b) Publicações da imprensa, tais como entrevistas, artigos e notícias em geral relacionadas ao setor de TIC; c) Doze entrevistas em profundidade com atores relacionados a esse setor: empresários, governo e academia (universidade), vinculados direta ou indiretamente ao Projeto do Porto Digital. As entrevistas foram realizadas tendo como base um roteiro de questionamentos cuja principal finalidade era servir como ponto de partida para o aprofundamento das idéias. A escolha dos atores que participaram da pesquisa foi realizada considerando-se a disposição em colaborar com a pesquisa e a representação das diversas identidades dentro do campo discursivo em questão.

De acordo com Minayo (1992), realizar uma análise de um *corpus* consiste em descobrir núcleos de sentido que compõem uma comunicação em que sua presença signifique algo para o objetivo analítico visado, denotando os valores de referência. Operacionalmente, a análise temática desdobra-se em três etapas: a primeira, denominada de pré-análise, consiste na escolha dos documentos a serem analisados, em que há uma retomada dos objetivos da pesquisa, comparando-os ao material coletado. Após isso, é realizada a leitura flutuante desse material, a qual consiste em ler exaustivamente, “deixando-se impregnar pelo seu conteúdo”. Na segunda fase, a de exploração do material, há a administração das técnicas sobre o *corpus* e na última etapa ocorre o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação dos mesmos. Aqui o analista propõe inferências e realiza interpretações com base no referencial teórico que norteia o estudo que, neste caso, foi inspirado na teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe.

## 5. O Porto Digital no campo dos discursos sobre o desenvolvimento econômico

As condições que tornaram possível a constituição do Porto Digital foram produzidas a partir das rupturas que ocorreram no setor de Tecnologia da Informação e Comunicação, impulsionadas pelas contingências que foram introduzidas pela reestruturação da economia mundial nas últimas décadas do século XX. A convergência dos interesses, na busca por uma ressignificação dos elementos que foram deslocados, fez com que atores vinculados à empresas, à Universidade e ao Governo construíssem um discurso posicionando o setor como ferramenta para o desenvolvimento econômico do Estado. Esse lugar lhe trouxe condições favoráveis em suas disputas por recursos materiais e simbólicos no campo político e econômico das políticas nacionais.

A construção do posicionamento se apoiou em equivalências capazes de unir atores plurais em torno de um projeto de desenvolvimento. A Tecnologia da Informação e Comunicação – mais especificamente a indústria de *software* foi significada como um setor transversal, capaz de produzir as ferramentas a serem utilizadas por praticamente todos os outros setores, a fim de que estes se tornem competitivos na economia global. Deste modo, esta indústria se apresenta como aliada e não como competidora por espaço na política econômica local e nacional. Um outro atrativo associado ao posicionamento do setor se relaciona ao perfil das pessoas que ele emprega. Trata-se de profissionais especializados, com remuneração acima da média de mercado, situação que estimula a geração de outros empregos por incrementar a produção e o consumo de produtos e serviços da região. Como sugere Haberkon (2004, p.29-30):

A priorização a ser dada a esse segmento se justifica, principalmente, pelo fato de ser uma indústria horizontal, que perpassa todos os ramos de atividade e a eles agrega valor, além de se tratar de uma indústria de intensiva mão-de-obra de maior nível, agregadora de, pelo menos, cinco empregos para cada um dos por ela gerado, com características ambientais modernas, exigindo investimentos relativamente baixos e calcados na inteligência e capacidade criativa dos profissionais que atuam no segmento, existentes em qualidade e quantidade no país.

Além disso, a importância do setor foi evidenciada por sua expansão nas últimas décadas. Âncora de reestruturações geradoras de novos negócios, nele tem sido movimentadas vultosas somas financeiras, o que colabora para sua visibilidade, sua projeção no *business* internacional. Assim apresenta a potencialidade de oferecer rápidos resultados diante dos investimentos em infra-estrutura relativamente menores do que os exigidos por outros setores de tecnologia. Uma empresa de *software*, por exemplo, pode atuar sem instalações sofisticadas, laboratórios ou maquinários requeridos em outras atividades.

O mercado mundial de *software* e serviços atingiu em 2005 o valor de US\$662 bilhões. O mercado brasileiro de *software* e serviços ocupa a 12ª posição no mercado mundial, tendo movimentado em 2005 aproximadamente 7,41 bilhões de dólares, equivalente a 0,95% do PIB naquele ano. Deste total, foram movimentados 2,72 bilhões em *software*, o que representou perto de 1,2% do mercado mundial e 41% do mercado latino americano. Os restantes US\$4,69 bilhões foram movimentados em serviços relacionados. Estudos apontam para um crescimento médio anual superior a 11% até 2009 (ABES, 2006, p.2).

Esta perspectiva de gerar resultados em um ciclo de curto prazo, além de atrair o investimento de capital de risco, é um fator de adesão para os governos, cujos ocupantes possuem interesses pautados na lógica do ciclo eleitoral, com alternâncias - ou permanências - a cada quatro anos. Na mudança de governo, os novos integrantes buscam imprimir sua

presença promovendo mudanças na política pública para os setores, inclusive o de ciência e tecnologia, com ações e projetos que diferenciem o governo iniciante em relação ao anterior.

Então quando chegou por volta do ano 2000, o governador Jarbas Vasconcelos foi lá, direto no CESAR, causou a maior ciúmeira em todo mundo, na reitoria. Foi direto para o CESAR para conhecer “o que é isso que todo mundo está falando?” “Eu quero escutar de vocês” E foi apresentado para ele o CESAR. Então, naquele momento ele tinha um governo paralelo, que era chamado de Pacto 21, que eram 21 empresários, de vários setores, que funcionava como um conselho, para as diretrizes estratégicas do governo. Encomendou-se um projeto chamado Porto Digital, que era um modelo do CESAR expandido para o modelo estratégico do Estado na área de TI. Esse é o início do Porto Digital (E10 23-38).

Um outro aspecto, fundamental para a construção e para a aderência do discurso do desenvolvimento econômico via TIC, foi o reconhecimento de que Pernambuco possuía as condições necessárias para a consolidação deste setor. Uma carga simbólica, com capacidade aglutinadora foi introduzida no discurso pelos elementos de identificação cultural vinculados ao Projeto, associado à localização do Projeto no Bairro do Recife. O discurso construído significou este espaço como possibilidade de recuperação da posição perdida – e com ele a auto-estima - do Estado que já foi expoente da região.

No discurso do desenvolvimento econômico via TIC, foram observados vários aspectos relacionados à identidade pernambucana. Hall (1999) aponta que, embora esteja relacionada ao local de nascimento, a identidade cultural não nasce com o indivíduo. Ela é formada e transformada no interior da representação que reflete um conjunto de significados de cada cultura. Analisando o conteúdo dos textos apresentados na página Institucional do *site* do Porto Digital observamos várias aspectos relacionados a identificação cultural que nos remetem a elementos históricos recuperados na construção de uma narrativa sobre um passado onde Pernambuco alcançou um papel relevante dentro da economia nacional.

O Porto Digital se apresenta como uma oportunidade para o Estado resgatar sua importância no cenário nacional, enfraquecida diante das contingências históricas. Hall (1999) defende que narrativas de um passado comum são um dispositivo importante para construção de identidades, atuando como fonte de significados culturais em um mundo globalizado. As referências são constituídas em termos de passado e futuro, ou a “face de Janus” do nacionalismo: olhar para trás, para as glórias do passado e, ao mesmo tempo, empreender uma espécie de modernização, em preparação para um novo estágio de competição capitalista global são a expressão ambígua de um desejo por assimilação no universal e, simultaneamente, por adesão ao particular (HALL, 1999). A força das referências locais fica evidenciada, na denominação utilizada na organização Porto Digital assim como no vocabulário utilizado em muitas de suas ações que se relacionam as atividades portuárias como, por exemplo: empresas embarcadas, ou empresas âncoras.

Assim, a identidade cultural se constitui num importante recurso para a aderência ao discurso do desenvolvimento local via TIC, não apenas por ser num fator de diferenciação, mas principalmente como fator de auto-estima. A ocupação de um bairro com edificações históricas numa região portuária onde se encontra o Marco Zero da cidade, constitui fator importante para a materialidade do discurso que se pretende articular.

Os entrevistados foram praticamente unânimes em considerar a importância do desenvolvimento do setor e de sua projeção para a auto-estima do Estado e da Região diante das referências preconceituosas que já experimentaram nas Regiões Sul e Sudeste. A associação de desenvolvimento de tecnologia e cultura local, que o Porto Digital utiliza em sua comunicação, amplia a capacidade de aderência deste discurso.



Quando a gente chegou começou aqui no CESAR, a gente queria se livrar do modelo coronelista paulistano. “Tecnologia no Nordeste não existe, ninguém faz tecnologia no Nordeste.” Demorou-se muito tempo, hoje é fácil contar a história, depois de seis ou sete anos rodados. Romper primeiro com essa canga paulistana, que a gente não conseguia fazer nada, o pessoal botava aqui na cabeça, é, é, é baixava a cabeça e tal. Isso para mim foi um negócio muito legal no início. (E10:656-671)

Deste modo, um eixo de equivalências torna possível o surgimento de um sujeito coletivo, a despeito da heterogeneidade dos atores, e contempla a existência de dimensões particulares que ficam de fora do eixo estabelecido, sem, contudo, inviabilizá-lo. Neste sentido, temos uma situação de equilíbrio na qual, de modo estratégico, as particularidades são deixadas de lado. No entanto, este equilíbrio é instável na medida em que acontecimentos podem provocar deslocamentos e a necessidade de novas negociações.

### **5.1. A disputa pelo posicionamento em um campo discursivo**

O antagonismo social, na perspectiva de Laclau e Mouffe (1987), ocorre porque agentes sociais são impossibilitados de atingir sua identidade completamente diante de um discurso instituído e travam uma disputa no sentido de ressignificar os eventos sociais, fixando-os em um discurso contra-hegemônico. Nesta condição, os discursos nem sempre podem ser explicitados publicamente, uma vez que envolvem as relações de poder que permeiam as organizações. Além disso, pode ocorrer de não estarem suficientemente articulados para disputar a hegemonia no processo de significação. Deste modo procuramos apresentar neste artigo os modos como foram rearticulados elementos que participam do discurso do Porto Digital na construção de outros discursos que lhes são antagônicos.

O posicionamento do Porto Digital como alternativa para o desenvolvimento local via tecnologia da informação e comunicação pode ser significada não apenas como um caminho natural, diante do potencial do Estado e das oportunidades relacionadas à expansão do setor, mas como uma ação política (e eleitoral), feita em detrimento de outros caminhos. Os pontos que apóiam os discursos antagônicos consideram que a opção pelo setor de software ocorreu em detrimento de projetos iniciados em governos anteriores, por adversários partidários e que foram abandonados. Entre esses, o mais especificamente citado foi o Parque Tecnológico de Eletroeletrônica (PARQTEL).

Outro elemento do discurso crítico é o modo como os recursos do governo estadual foram distribuídos pelas áreas de ciência e tecnologia. A prioridade dada ao setor é interpretada como forma de dar visibilidade à ação do governo com vistas aos resultados eleitorais de curto prazo, evidenciando a disputa pelos recursos públicos daqueles setores que não foram posicionados como prioritários. Elementos deste discurso estão presentes na Universidade, no governo e também nas empresas que, participando do setor de tecnologia, consideram-se preteridas.

Num Estado pobre como Pernambuco, se você concentra todos os esforços todos os recursos em um setor, você naturalmente deixa de atender outros segmentos do estado que demandam ciência, que demandam tecnologia. Qualquer outra iniciativa de qualquer outro grupo para fazer alguma coisa em ciência e tecnologia que não fosse tecnologia da informação, você não tinha apoio. A argumentação era que esses recursos estavam voltados para o Porto Digital. (E7: 40-46).

Características elencadas como fatores de atração do setor de *software* quando comparado a outras atividades, tais como geração de empregos qualificados, baixo investimento em infra-estrutura, são ressignificados dentro dos discursos contra-hegemônicos, que apontam um caráter elitizado do empreendimento que pleiteia financiamento público sem, contudo apresentar retorno social relevante. Primeiramente, porque é produzido por uma elite reduzida de profissionais e para uma elite de consumidores, gerando poucos empregos para a população. Um outro aspecto pontuado nos discursos antagônicos é que, em termos de arrecadação, o setor deixa a desejar porque o faturamento das empresas ainda pode ser considerado modesto, além disso, recebe isenções fiscais. E quanto aos investimentos necessários para a consolidação do setor, se inicialmente não foram requeridas grandes somas a serem destinadas em infra-estrutura, atualmente vêm pleiteando pesados financiamentos para que as empresas passem a ter competitividade mundial. Essa linha argumentativa tem como questão central o retorno social do projeto Porto Digital para o Estado de Pernambuco.

Faturam pouco, empregam pessoas da elite, e fazem seus produtos para a elite, num país como o Brasil, com cerca de 40 milhões de miseráveis, numa cidade como Recife que tem um milhão de pessoas miseráveis. Tem mais dois milhões de habitantes, mais de 40%, segundo nosso Prefeito falou, são miseráveis. Com esse tipo de atividade, se fosse para gerar muito imposto, muito trabalho, tudo bem, mas não é o caso. Gera pouco imposto e emprega pessoas de nível universitário que o mínimo por cento da população e de boas universidades ainda mais, então, quando você faz universidades e boas universidades, não sobra quase ninguém que realmente consegue emprego lá. E eles gastam uma fortuna, uma fortuna literalmente, com Marketing. (E7: 555-565).

Outros discursos apontam ainda que as formas de sociabilidade herdadas da cultura do açúcar integram o contexto do Porto Digital juntamente com os artefatos e a narrativa do passado colonial. Em um setor constituído no discurso da modernidade, emergem elementos da tradição, tais como as relações hierárquicas, o patrimonialismo e o personalismo. A presença destas características e o modo como elas influenciam na consolidação da modernidade brasileira tem sido motivo de debate entre pensadores sociais brasileiros de diversas gerações, dentre os quais Freyre (1994), Holanda (2004) e Souza (2000).

Os entrevistados apontaram a presença das relações caracterizadas pelo autoritarismo e pela subordinação ou ainda sobre as práticas clientelistas que teimam em rondar os negócios com a administração pública. Relações personalistas, com viés de centralização e de dependência ou a estrutura organizacional das empresas que nem sempre se moldam aos formatos horizontais e flexíveis como postula o mundo pós-fordista, são aspectos que observamos nos depoimentos que se seguem:

Isso acontece direto. Pernambuco, o Nordeste tem o aspecto cultural coronelista em todas as instâncias, ponto. Coronel de cana de açúcar, coronel não sei lá do que, coronel da indústria e coronel da TI também. Aqui nós temos coronel de TI também. Quer dizer, quando aparece um fundo do Governo, esse cara pega e não usa para isso, usa para outras coisas e o Governo faz vista grossa, teve gente que pegou dinheiro do fundo de capital humano e foi desenvolver produto. E o fundo de capital humano é o fundo de treinamento de pessoas. E não podia dizer nada porque era aquela empresa... vamos tentar conviver...vamos tentar ajustar. (E10 587-600).

As abordagens sobre o empreendedorismo silenciam sobre as dimensões culturais e políticas intrínsecas às ações econômicas em favor de um ponto de vista ancorado no discurso da técnica. Raras são as análises sob a perspectiva discursivas. Nesse sentido, os conceitos recebem um tratamento “técnico”, ou ingênuo, onde as formas de sociabilidade que marcam nossa herança cultural bem como as disputas e as relações de poder subjacentes são

negligenciadas. Estas falas são momentos de um discurso contra-hegemônico, presentes na universidade, nas instâncias governamentais ou e nas idéias de profissionais e empresários que ficaram de fora das políticas de tecnologia traçadas pelas atuais gestões públicas. De modo geral, o discurso antagônico busca ressignificar os eventos politizando as ações do Porto Digital. Não obstante observamos um silêncio acerca destes antagonismos em razão de sua condição de oposição ao discurso hegemônico – que domina as instâncias de poder e forma de opiniões - e por estarem desarticulados. Reconfigurada mediante mudanças no contexto local, esta situação poderá ameaçar a estabilidade deste sujeito coletivo, no sentido de que outros atores poderão emergir em decorrência de práticas articulatórias empreendidas em torno do discurso antagônico.

## 6. Considerações Finais

Na busca pela compreensão da identidade empreendedora em uma formação social pós-fordista, partimos de questionamentos relacionados à constituição das identidades diante das novas e complexas configurações sociais no contexto contemporâneo. A problemática teórica aponta para os limites explicativos dos conceitos desenvolvidos para pensar um mundo moldado pelo projeto moderno. Nesse sentido, a opção por uma abordagem discursiva demarca nosso posicionamento epistemológico no que diz respeito ao lugar da ciência e do conhecimento no mundo social.

As reflexões aqui apresentadas acerca dos caminhos que tornam possível a constituição das identidades no mundo atual não pretendem esgotar o potencial explicativo dos conceitos da teoria do discurso. Nosso objetivo reside em colaborar para fortalecer o pensamento crítico em empreendedorismo. A singularidade das experiências constitui um dos aspectos centrais introduzidos pelas abordagens críticas ao defender a importância do particular, problematizando a aplicação de conceitos e a adoção de modelos transpostos de maneira mecânica, especialmente em um mundo midiático onde as idéias atravessam fronteiras com velocidade ímpar. A perspectiva discursiva defende ainda que todos os enunciados possuem um lugar de enunciação e isso lhes confere, além da historicidade, uma posição no campo político de disputas pela fixação dos sentidos dos eventos sociais.

No mundo dos fluxos globais, de trocas instantâneas, a academia deve atentar para o fato de que toda enunciação vem de algum lugar e, nesse sentido sua apropriação deve ser crítica. O estudo do empreendedorismo questiona os limites do conhecimento que se pretende universalizante e que se apresenta sob regime de verdade, apontando a fragilidade dos pilares sobre os quais este conhecimento se assenta: os essencialismos a-históricos e descontextualizados e a parcialidade decorrente da leitura ingênua da realidade que ignora ou negligencia as dimensões políticas e culturais constitutivas do mundo social.

O empreendedorismo tem sido apontado como fenômeno que traz em si potencialidades para o desenvolvimento local em um momento em que regiões enfrentam os desafios relacionados ao avanço de uma globalização excludente. As possibilidades no campo do empreendedorismo estariam relacionadas à inserção afirmativa dessas regiões de modo a promover o desenvolvimento alicerçado não apenas na lucratividade imediata de alguns setores, mas principalmente na construção de um padrão social que promova a distribuição mais equitativa das riquezas geradas pelo crescimento econômico. Entretanto, na medida em que os estudos sobre empreendedorismo imprimem aos fenômenos características que estão fortemente associadas à formação cultural dos países centrais, favorecendo uma visão do “empreendedor ideal” segundo um modelo individualista, excludente e etnocêntrico de gerar e desenvolver empreendimentos, essas acabam por mediar a constituição dos novos sujeitos

empreendedores, ao universalizar essa identidade essencialista, instituída pela gramática neoliberal.

As articulações que deram origem ao Porto Digital estão marcadas pela pluralidade de disputas que caracterizam os novos tempos. Podemos entender a emergência desse empreendedor coletivo como resultado de práticas articulatórias que reconfiguraram o discurso do setor de TIC no Estado, diante das rupturas decorrentes das contingências introduzidas por transformações na economia mundial. Esse novo discurso posiciona o setor como ferramenta do desenvolvimento econômico tendo em vista a atratividade de suas características, a potencialidade do Estado, simbolizada na narrativa de nação que recupera um passado colonial glorioso, e nos artefatos culturais que são utilizados como recursos de identificação e de auto-estima num momento em que Pernambuco perde posições na economia regional.

O discurso antagonico procura instaurar aquilo que foi deixado de fora pelo discurso hegemônico de modo a desestabilizá-lo e compor um novo para significar o setor. Desse modo, no caso do Porto Digital, o discurso antagonico chama a atenção para o caráter político e partidaria as ações públicas, ao fixar na base da opção pelo setor de TIC, não apenas os aspectos técnicos ou suas características intrínsecas, mas também as dimensões políticas, especialmente as político-partidárias, e os interesses de classe dos grupos que são responsáveis pelas políticas do Estado. O posicionamento do setor como ferramenta do desenvolvimento local é questionado com argumentos de que os empregos do setor são ocupados basicamente por uma elite social. Além disso, o setor fatura pouco e recebe isenções fiscais, gerando arrecadação reduzida apesar dos investimentos públicos que recebe. Neste contexto, um Estado pobre concentra seus recursos em um setor e deixa de atender a outras demandas públicas.

Além do caráter político, o discurso antagonico recupera a presença das formas tradicionais de sociabilidade nas relações estabelecidas em um setor marcado pelo discurso da modernidade. Dentre as sociabilidades que marcam nossa herança cultural (colonial), temos o personalismo, o patrimonialismo, as relações hierárquicas (cf. HOLANDA, 2004; FREYRE, 1994) e, também, a flexibilidade, a dissimulação e uma lógica assimilacionista e integradora (cf. MARTINS 2000; BOSI, 2003). O conhecimento sobre o empreendedorismo se mostrará parcial e descontextualizado, sem o entendimento do modo como estas sociabilidades constitutivas da cultura brasileira integram as relações em rede, a governança dos APLs, a gestão das organizações, as relações entre os empresários e destes com o Estado, as relações horizontais e verticais para além dos organogramas.

A análise do caso ilustrativo da organização Porto Digital, um sujeito coletivo no campo do empreendedorismo do setor de TIC, nos mostra ainda que os estudos nesse âmbito devem considerar que, em contextos globais marcados pela pluralidade, temos o desafio do reconhecimento da diferença e da capacidade de construir posições cada vez mais negociadas de modo a fortalecer e ampliar as equivalências. Diante das contingências, o excesso de particularidades e antagonismos não contemplados pode precipitar situações de autofagia, tornando essa instabilidade do sujeito um obstáculo para sua agência.

Compreender o modo como se constituem as identidades empreendedoras que emergem em um contexto de convergências e antagonismos diante da pluralidade instaurada pela fragmentação da sociedade contemporânea, contribui para a gestão dos conflitos e a estabilidade das organizações, especialmente tratando-se dos novos atores coletivos, tais como as APLs e outros formatos de redes organizacionais.

## **Referências**

- ABES: Associação Brasileira das Empresas de Software. **Mercado brasileiro de software: panorama e tendências**, 2006.
- BARTHES, R. *Elements of Semiology*. New York: Hill and Wang, The Noonday Press [tradução do original francês], 1967
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 145 p.
- BOSI, A.. **A cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 2003.
- BURITY, Joanildo **Redes sociais e o lugar da religião no enfrentamento de situações de pobreza: um acercamento preliminar**. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/docs/text/jburity08.doc> Acesso em: 14 fev. 2007.
- CANCLINI, Néstor G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa; tradução prefácio à 2. ed. Gênese. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O poder da identidade: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 530 p.
- FILION, L.J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. **Revista de Administração de Empresas**, v.39, n. 4, São Paulo, Out./Dez, 1999.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo. Martins Fontes, 2003
- HALL, Stuart. The Meaning of New Times. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing. (eds.). **Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies**. London: Routledge, 1996. p. 223-237.
- \_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HABERKON, Ernesto. **Marco legal, empreendedorismo e capital para a produção de software - 2004**. disponível em <http://www.ce.mdic.gov.br/SOFTWARE>. acesso em 10/10/2007.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.
- HOWARTH, David; STAVRAKAKIS, Yannis. **Discourse Theory and Political Analysis: identities, hegemonies and social change**. Manchester: Manchester University, 2000. p. 1-23.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y Estrategia Socialista: Hacia una radicalización de la democracia**. Madrid: Siglo XXI, 1987.
- \_\_\_\_\_. Inclusão, exclusão e a construção de identidades. In: AMARAL JR., Aécio; BURITY, Joanildo de A. (orgs). **Inclusão Social Identidade e Diferença: Perspectivas pós-estruturalistas de análise social**. São Paulo: Annablume, 2006.
- MARTINS, J. S., **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Hucitec, 2000
- MINAYO, M. C. de Souza. **O desafio do conhecimento**. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- OGBOR, J.O.: Mythicizing and reification in entrepreneurial discourse: ideology-critique of entrepreneurial studies. **Journal of management Studies**, v. 37, n. 5, July, 2000.

PAIVA JR., F.G.; CORDEIRO, A. T., Empreendedorismo e o espírito empreendedor: Uma análise da evolução dos estudos da produção acadêmica brasileira. XXVI ENACONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – ANPAD, Salvador, 2002. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2002. [CD-ROM].

PAIVA JR, F.G; BARBOSA, F. V.; GONÇALVES, C.A; PEREIRA, V. Las redes organizacionales em el escenario de cluster: um entornode oportunidades para las pequeñas y medianas empresas. **XXXVI CONGRESO LATINO-AMERICANO DE ESCOLAS DE ADMINISTRAÇÃO** - CLADEA, Ciudad del México, México, 2001. Ciudad del México: CLADEA, 2001.

PORTO DIGITAL. **Economia**. Disponível em: <http://www.portodigital.com.br>. Acesso em: 04 jul. 2006.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: As conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Cultura do Novo Capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília: Editora da UnB, 2000.

VELOSO, V. Tecnologia, cultura e requalificação do sítio histórico do Recife. In: GRAZIANO, X.; VIDAL, D; PACHECO, A.M.(org). **Renovar Idéias: desenvolvimento, qualidade de vida e democracia no Brasil Moderno**. São Paulo: Bancarolla, Instituto Teotônio Vilela, 2005.

SINCLAIR, J. **Corpus, concordance, collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

VASCONCELLOS, G. M.; WILKINSON, J.; AMÂNCIO, R. Desbravando fronteiras: o empreendedor como artesão de redes e artífice do crescimento econômico. **Anais XXIX ENANPAD**, Brasília – DF, 2005.